



XIV ANPED-CO

XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3373 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)
GT 02 - História da Educação

A ESCOLA E A SOCIEDADE, A CRIANÇA E O CURRÍCULO: UMA PROBLEMATIZAÇÃO AO ESTUDO DO CURRÍCULO EM ARTE

Ana Lucia Serrou - UFMS/Campus de Campo Grande - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Esse artigo tem como objetivo identificar as proposições de escolarização do conhecimento na obra “Escola e a Sociedade, a Criança e o Currículo” de John Dewey, de forma a estabelecer relações entre essas proposições e as discussões curriculares. Partimos do seguinte questionamento: qual a perspectiva das discussões sobre a escola, a sociedade a criança e a relação com o currículo – distribuição de conhecimentos para a escola? A hipótese que orienta as análises supõe que as proposições na obra de Dewey sustentam-se por aproximações a relação escola, sociedade e escolarização do conhecimento. Em conclusão, algumas das ideias deweyanas fornecem elementos para compreender, as relações sociais, econômicas e políticas da concepção de Dewey sobre escola nova e, sobretudo, o currículo de Arte como experiência educativa.

Palavras-chave: Arte; Currículo; Dewey.

INTRODUÇÃO

Este Artigo parte da leitura da obra “A Escola e a Sociedade a Criança e o Currículo”, que retrata a filosofia da educação de John Dewey enquanto processo experimental e centrado na criança. O objetivo é identificar as proposições de escolarização do conhecimento na obra de Dewey estabelecendo relações entre essas proposições e as discussões sobre a Arte.

Para tanto, partimos do seguinte questionamento: qual a perspectiva das discussões sobre a escola, a sociedade a criança e a relação com o currículo – distribuição de conhecimentos para a escola?

A obra “A Escola e a Sociedade a Criança e o Currículo”, está dividida da seguinte forma: A Escola e a Sociedade: a escola e o progresso social; a escola e a vida da criança; o desperdício na educação; a psicologia da educação elementar; os princípios da educação de Froebel; a psicologia das ocupações; o desenvolvimento da atenção; o objetivo da história na educação elementar. Pós-Escrito: três anos de escola elementar universitária e “A Criança e o Currículo”.

A hipótese que orienta as análises supõe que as proposições na obra de Dewey sustentam-se por aproximações a relação escola, sociedade e escolarização do conhecimento.

Considerado o precursor do pragmatismo e no progressismo estadunidense, cuja teoria e prática integraram áreas como a sociologia, psicologia e filosofia. Este autor procurou estabelecer suas bases conceituais, na educação ativa, na aprendizagem experiencial e o compromisso ativo entre a criança e o seu meio ambiente.

Como aporte teórico, trago as reflexões de John Dewey (1959, 2002, 2010) e também os autores: Cunha (2001) que aborda as concepções de Dewey; Hobsbawm (2009) a partir da História da sociedade; Teitelbaum e Apple (2001), que discutem o currículo.

Para o desenvolvimento deste estudo adoto como procedimento metodológico a pesquisa qualitativa, ancorada nas técnicas da pesquisa bibliográfica, fundamentada na análise da obra “Escola e a Sociedade, a Criança e o Currículo” de John Dewey (2002).

Tal obra foi escolhida pelas contribuições, para que estudantes e educadores possam dialogar com os conceitos deweyanos de experiência, educação e sociedade, ampliando, dessa forma, a reflexão acerca da vida da criança na escola e do seu natural instinto de atividade e experimentação, de modo a conferir às ações escolares um sentido mais amplo de formação humana e de educação formal.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que para Triniños (1987, p. 124) é conhecida também como “estudo de campo”, “estudo qualitativo”, “interacionismo simbólico”, “perspectiva interna”, “interpretativa”, “etnometodologia”, “ecológica”, “descritiva”, “observação participante”, “entrevista qualitativa”, “abordagem de estudo de caso”, “pesquisa” “pesquisa fenomenológica”, “pesquisa-ação”, “pesquisa naturalista”, “entrevista em profundidade”, “pesquisa qualitativa e fenomenológica”, e outras. Sob esses nomes, em geral, não obstante, devemos estar alertas em relação, pelo menos, a dois aspectos. Alguns desses enfoques rejeitam total ou parcialmente o ponto de vista quantitativo na pesquisa educacional; e outros denunciam, claramente, os suportes teóricos sobre os quais elaboraram seus postulados interpretativos da realidade.

Diante disso, as técnicas, que empregamos, tomam forma, ancoradas na ordem dos pragmatismos, isto é, da coleta primária de dados, neste caso o/um livro, cuja leitura e análise têm como objetivos, além de tentar identificar qual a perspectiva das discussões sobre Arte e a sua relação com a educação e o currículo, dimensionar a sua extensão, nos propósitos da escrita de uma dissertação.

Ressaltamos, que a questão do objeto de estudo na pesquisa qualitativa, nos leva de volta às controvérsias entre o todo e as Artes, uma vez que pesquisar não significa apenas, que não possa ser conveniente, concentrar-se em uma Arte do processo. Mesmo esta controvérsia estando presente, classificamos três variáveis, consideradas relevantes e interferentes, para a análise que buscamos. Em princípio, destacamos que qualquer variável pode explicar uma parte, mesmo que pequena, da relação estudada e, neste sentido, destacamos três categorias para fazê-lo, a saber: Arte, Currículo e Dewey.

Para tanto, faremos uma breve contextualização da concepção do pragmatismo deweyano, analisando a razão da filosofia e da educação (nesse período) como instrumentos na reconstrução da democracia.

Outra questão a ser observada é a forma que Dewey abordou o currículo em seu tempo, desse modo, apresentaremos suas ideias sobre o currículo e os debates sobre a Arte como experiência para o desenvolvimento estético.

Neste sentido, pretendemos apresentar como está estruturada a sua proposta pedagógica, de Dewey que constituiu a base sobre a qual se ergueu dos princípios da Escola Nova, nos finais do século XIX e até meados do século XX.

Assim, na tentativa de entender a problemática, esse artigo está estruturado, em duas partes.

Na primeira parte, “Uma leitura de ‘A escola e a sociedade, a criança e o currículo’”, apresento a leitura do livro de John Dewey, e como o autor retrata a maneira sucinto, a filosofia da educação de John Dewey, enquanto processo experimental e centrado na criança e as concepções de escola, sociedade e currículo.

Já na segunda parte trago a “Escarlarização do Conhecimento e a Arte”, momento em que apresento as principais ideias de Dewey sobre o currículo e introduz os debates sobre a Arte no processo de desenvolvimento escolar.

Por fim, apresento “Algumas Considerações”, ressaltando os principais pontos tratados.

1 UMA LEITURA DE “A ESCOLA E A SOCIEDADE, A CRIANÇA E O CURRÍCULO”

“A Escola e a Sociedade e A Criança e o Currículo” corresponde a uma edição portuguesa de duas obras do filósofo e educador norte-americano John Dewey (1859-1952): *The School and Society* (1900) e *The Child and the Curriculum* (1902). Publicado pela Relógio D’Água Editores (Lisboa, 2002).

O livro “A Criança e o Currículo”, é composto por registros da filosofia da educação de Dewey, por ele mesmo, enquanto processo experimental e centrado na criança. A primeira parte contém textos de

conferências, proferidas na Escola Elementar Universitária, da Universidade de Chicago, em Abril de 1899. A segunda parte contém os registros sobre a estrutura organizacional e fundamentos da Escola Elementar. Desse modo, no decorrer do livro, Dewey expõe suas concepções sobre como deve ser uma pedagogia que respeite à individualidade de cada aluno e fundamentalmente uma aprendizagem por meio da experiência.

Dewey (2002) percebeu que, a industrialização e urbanização eliminaram as ocupações domésticas e comunitárias, principalmente os educativos, ocasionando mudanças radicais nas condições de vida, justificando, a necessidade de uma reformulação educacional, tanto na esfera prática, quanto filosófica. Nesse sentido, a escola não poderia permanecer alheia a estas transformações, mas deveria envolver-se ao progresso social. Além disso, opôs-se aos métodos escolares tradicionais, alertando sobre a presença dos resquícios da educação medieval, cuja concepção favorecia apenas o lado intelectual.

Nessa perspectiva, a socialização do conhecimento seria a saída necessária para as mudanças na educação norte-americana. O ensino teria que ser proposto por meio de atividades comuns e de acordo com a realidade de vida coletiva, para isso a escola deveria se organizar como uma sociedade em miniatura ou comunidade embrionária, e aponta:

A escola deve assumir a feição de uma comunidade em miniatura, ensinando situações de comunicação de umas a outras pessoas, de cooperação entre elas, e ainda, estar conectada com a vida social em geral, com o trabalho de todas as demais instituições: a família, os centros de recreação e trabalho, as organizações da vida cívica, religiosa, econômica, política. (DEWEY, 1967, p. 8).

A escola deveria se espelhar na forma da organização familiar, visto que a sala de aula reproduz o sentido do coletivo, semelhantemente, a escola é reflexo das nuances da sociedade, na qual a sala de aula é como um laboratório da vida social, um espaço para o exercício de novos membros da sociedade e crescimento das crianças. “É no âmbito da organização que encontraremos o princípio da disciplina ou da ordem escolares”. (DEWEY, 2002, p. 25).

Nessa perspectiva, o autor tece uma crítica à escola tradicional e ao ambiente conservador das salas de aula, constituídas por carteiras fixas e alinhadas. Considera que, tal disposição transmite a ideia de manutenção e submissão da ordem social, para que os professores possam ter o controle do maior número de alunos. Fato que resulta, no comportamento passivo e receptivo do aluno e um ensino mecânico.

Chama a atenção para o desperdício na escola, advertindo que o desperdício não é o financeiro ou de material, mas de vida crianças, uma “[...] preparação inadequada e perversa”. (DEWEY, 2002, p. 59). Este desperdício por um lado, é consequência do isolamento dentro das instituições escolares e da sociedade, ou seja, ao mundo exterior. Por outro lado, o desperdício pela ausência de unidade nas metas, objetivos e coerência dos métodos pedagógicos ultrapassados.

Essa maneira de educação representaria, mudanças de atitudes, e adequação dos saberes dos adultos às experiências da criança, na qual os conhecimentos científicos transposto para uma linguagem compreensível para o nível do entendimento infantil, ou seja uma reintegração do assunto-matéria, pelo viés do saber, “[...] tem de ser restituído à experiência de onde foi abstraído. Precisa ser psicologizado”. (DEWEY, 2002, p. 171).

Sendo assim, para o autor a educação, deve se iniciar com uma percepção psicológica das capacidades, interesses e hábitos da criança. Mas, isso não significa desconsiderar o valor dos conteúdos, mas esse deve ser traduzido para a vivência imediata e individual em que teve a sua origem e importância. A psicologização da educação escolar deveria pautar-se, por uma ideia de mente interagente com o mundo externo.

Nesse sentido, apresentou uma nova proposta de educação fundamentada na experiência e criou uma escola laboratório, conhecida como Escola Elementar. Nessa escola, a sala de aula deveria ser como um “jardim de infância”^[2]. Um local para as que crianças aprenderiam brincando, associado à vida cotidiana e às coisas simples. O princípio da aprendizagem da criança deveria se dar num ambiente estimulador, de liberdade, voltado para as diferenças individuais e, acima de tudo, integrado com o próprio desenvolvimento da sociedade.

Sobre a criança e o currículo, o mundo da criança e a sua vida escolar seria desenvolvido pela experiência, por meio de atividades com as quais a criança já estaria familiarizada no seu lar. A experiência da fase infantil é rica e indispensável ao desenvolvimento da criança, pois desperta a

capacidade da investigação, sendo a base para a construção do conhecimento. Tal fato revela a reunião entre o psicológico e lógico do conhecimento e inter-relacionados, visto que ambos são necessários.

Quanto ao currículo, na concepção proposta por Dewey, estruturação se daria por meio de aulas/atividades nas quais as crianças e sejam capazes de estabelecer relações significativas com as matérias de estudo. Entretanto, tal fato não significa que a educação deva limitar-se a uma satisfação e expressão de emoções pelas crianças, contrário, deve orientar os impulsos e canalizá-los para produção de resultados válidos.

Na concepção de Dewey, a criança e não ao professor deve cuidar da sua própria aprendizagem. O professor deve determinar, com base na experiência mais madura, como a disciplina da vida deve chegar até a criança, para ela construa as suas próprias continuidades e interações com o currículo, assim são os professores devem ajudar as crianças a construir as suas próprias continuidades e interações com o currículo.

2 ESCOLARIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E A ARTE

No final do século XIX a meados do século XX, a sociedade norte-americana, passava por um período de profundas transformações. Segundo Hobsbawm (2009), a economia capitalista passava por transformações sem precedentes, atingindo a sociedade.

A mudança atingiu rapidamente, não apenas o produto do trabalho, mas também a relação de compra e venda da força de trabalho, submetendo o modo de produzir e reproduzir a vida material e social à forma capitalista. O desenvolvimento das relações sociais capitalistas, do núcleo de produção e consumo, altera a dinâmica da vida familiar, transformando-a de unidade produtora à unidade consumidora de mercadorias.

Na sociedade norte-americana, a mudança assumia aspecto de celeridade jamais vista até então, seja no terreno científico, econômico, ou no campo da moral e dos costumes. Nos anos de 1930, nos Estados Unidos, surgia a política do *New Deal* [3], como uma tentativa de reorganização da vida econômica, por meio de financiamento às empresas e programas sociais no enfrentamento à miséria e ao desemprego. (CUNHA, 2001).

Dewey posicionava-se em favor de uma nova ordenação social, a sociedade democrática, e de uma escola sintonizada com o movimento incessante do mundo, pois considerava que as mudanças sociais e econômicas da ordem capitalista, seria uma ameaça à ordem democrática e que resultariam no declínio da liberdade e da igualdade.

Contudo, ele reconhecia a dificuldade da existência de uma sociedade, em função da concentração de riqueza. Nesse sentido a democracia não se realizaria naturalmente e nem por imposições de leis, pois dependia de uma mudança radical nas condições de vida.

Nesse ideal democrático da sociedade, Dewey via a Educação como uma prática social comprometida com reconstrução social, ou seja, a educação para a democracia e o contínuo aperfeiçoamento dos indivíduos. Assim, sendo a sua concepção, seria a garantia da perpetuação dos valores liberais básicos, a liberdade e igualdade de oportunidades.

Para Dewey, esse novo método de ensino representaria uma mudança significativa ao modelo de Ensino Tradicional, cujo conhecimento era demasiadamente sintetizado. Dessa forma, o desenvolvimento intelectual e o progresso social, seria a escolarização, portanto, o currículo, deveria ensinar a relação essencial entre conhecimento humano e experiência social.

Assim, os alunos e professores são detentores de experiências próprias e, ao serem confrontados na sala de aula, os conhecimentos de ambos são ampliados, mas essa relação depende da compreensão contínua das experiências associadas entre si.

Diante desses fatos, o currículo deveria partir da vivência, com a possibilidade de continuidade e integração. Para ele a melhor forma de explicação para a continuidade consiste na experiência educativa, onde a continuidade se revela possibilitando a construção do conhecimento gradativamente.

Quanto a Arte, na concepção deweyniana está associada exclusivamente a experiência, no “aprender fazendo”. O trabalho estético-artístico seria desenvolvido na perspectiva filosófica da experiência, já

que a arte envolve elementos intelectuais, emocionais e os da sensibilidade.

O conceito de experiência estabelece uma aproximação entre a estética a experiência revela a influência hegeliana. Desse modo, é tratada, como experiência essencialmente ligada com a cognição e as ações efetuadas, a interação mente/corpo cede espaço para a interação sujeito/meio.

Dewey centra-se principalmente em torno da experiência estética, e o ato criador, na qual a Arte é vista como experiência e prática social compartilhada, pois envolve a comunicação entre quem ensina e quem aprende. Portanto, o conhecimento de Arte, por meio da experimentação, da expressão e eleva o aluno ao aprender experienciando.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Essa pesquisa teve como objetivo identificar as proposições de escolarização do conhecimento na obra de John Dewey estabelecendo relações entre essas proposições e as discussões sobre a Arte, a partir da leitura do livro: A escola e a sociedade e a criança e o currículo.

A filosofia da educação de Dewey, baseado no experimentalismo o pragmatismo, na qual a escola é definida como uma sociedade em miniatura. Preocupado com os problemas educacionais de sua época, apresentou um novo modelo para a educação denominada escola elementar, a qual se caracterizava as salas de aula como um laboratório de ensino que permitia a liberdade de ação e a criação de novos métodos e técnicas pedagógicas para uma aprendizagem interdisciplinar.

As ideias inovadoras para educação de Dewey buscava a transformação social. Nesta perspectiva, é função da Educação, levar o aluno a compreender-se como ser social, re-significando seu papel e suas ações, por meio de mecanismos para uma vida mais humana e justa, para uma sociedade democrática.

Com isto, o currículo, deve atender aos interesses das crianças, de forma a ensinar a relação essencial entre conhecimento humano e experiência social. Nessa relação os professores, são peças importantes encaminhar os interesses dos alunos de modo a assegurar o desenvolvimento intelectual com as experiências educativas.

Por fim, na arte, o currículo deve articular os conteúdos a partir da prática social, por meio da experimentação, para que a criança aprenda experienciando..

REFERÊNCIAS

CUNHA, Marcus Vinícius da. **John Dewey e o pensamento educacional brasileiro**: a centralidade da noção de movimento. Rev. Bras. Educ. [online]. 2001, n.17, pp.86-99. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n17/n17a06.pdf> >. Acesso em: 15 set. 2017.

DEWEY, John. **Democracia e educação**: introdução à filosofia da educação. 3. ed. [Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira]. São Paulo: Nacional, 1959.

DEWEY, John. **A escola e a sociedade e a criança e o currículo** [Trad. Paulo Faria, Maria João Alvarez e Isabel Sá]. Lisboa: Relógio D'água, 2002.

DEWEY, John. **A arte como experiência**. [Trad. Vera Ribeiro]. São Paulo: Editora Martins, 2010.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos, o breve séculos XX**. Cia das Letras, 2009.

TEITELBAUM, Kenneth; APPLE, Michael. **John Dewey**. Currículo sem Fronteiras. v. 1, n. 2, p. 194-201, Jul./Dez. 2001.

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMS. Professora Concursada na Rede Municipal de Ensino de Mato Grosso do Sul. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Observatório de Cultura Escolar XX sob a coordenação da Prof.ª Dr.ª Fabiany de Cássia Tavares Silva.

[2] O conceito de jardim da infância, baseado nos princípios de Frederic Froebel (1840). Friedrich A. Froebel, que abriu seu primeiro kindergarten, o jardim de infância no início da década de 1840, em Blankenburgo, pretendia não apenas reformar a educação pré-escolar, mas, por meio dela, a estrutura familiar e os cuidados dedicados à infância, envolvendo a relação entre as esferas pública privada. (KUHLMANN, 2007, p. 109).

[3] O New Deal ("Novo Acordo" em português) foi um conjunto de medidas econômicas e sociais tomadas pelo governo

Roosevelt, entre os anos de 1933 e 1937, com o objetivo de recuperar a economia dos Estados Unidos da crise de 1929. Teve como princípio básico a forte intervenção do Estado na economia. (CUNHA, 2001).